

Resenhas

do prazer da natureza nas sociedades disciplinares

BEATRIZ SCIGLIANO CARNEIRO

Élisée Reclus. *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*. Prefácio de Ronald Creagh. São Paulo, Expressão & Arte Editora, 2010, 95 pp.

Anarquista e geógrafo francês; autor de dezenas de livros e artigos políticos e científicos; exilado na Suíça por sua participação na Comuna de Paris de 1871; parceiro de lutas de Bakunin, Kropotkin, Louise Michel e outros anarquistas; cientista e pesquisador homenageado em diversas partes do mundo, após sua morte, e apesar de tantos atributos, Élisée Reclus (1830-1905) foi esquecido inclusive em seu país, a ponto de nem ser mais citado em compêndios e verbetes de Geografia. Entre os anarquistas, porém, continuou a ser uma referência como um militante aguerrido e um homem de ciência.

Apenas nos anos 1970 seus estudos científicos foram redescobertos pelas universidades na França e têm inspirado novas abordagens na geografia. No Brasil, Reclus

Beatriz Scigliano Carneiro é pesquisadora no Nu-Sol, doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. Publicou o livro Relâmpagos com claror: Lygia Clark, Hélio Oiticica, vida como arte. São Paulo, Imaginário/FAPESP, 2004.

como geógrafo tem voltado à cena acadêmica timidamente, em meados nos anos 1980 e, agora, com mais contundência e sem deixar de manter a conexão com o anarquismo. Artigos importantes de Reclus foram recentemente traduzidos e lançados, entre os quais o opúsculo *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*.

O texto foi inicialmente publicado em maio de 1866, como um artigo na *Revue des Deux Mondes* — periódico francês criado em 1829, editado até hoje — e posteriormente incorporado nos volumes da obra *A Terra*, trabalho destinado a um público fora do circuito dos especialistas. Élisée foi colaborador da citada revista entre 1859 e 1868, período em que retornara à França depois de uma longa viagem ao continente americano, realizada em decorrência de ter se exilado por participar de movimentos de oposição a Napoleão III, em 1851. Nesse período, Reclus consolidou sua posição de um geógrafo reconhecido, com um contrato com a editora Hachette para publicar livros sobre as paisagens e as nações da Terra; simultaneamente, consolidou sua atuação política enquanto anarquista, com destaque para lutas pela destruição do Estado e das fronteiras nacionais e pelos direitos das mulheres. Em 1868, rompeu com o editor da revista *Deux Mondes*, depois deste sugerir alterações em um artigo que escrevera sobre as mulheres na América.

A edição brasileira do artigo “Do sentimento da natureza na sociedade moderna” conta com um prefácio do sociólogo e historiador anarquista contemporâneo, o anglo-francês Ronald Creagh, acerca das chamadas “grandes narrativas” que caracterizaram o pensamento do século XIX e grande parte do XX. As “grandes narrativas” buscam estabelecer verdades universais e explicar as coisas e os acontecimentos em uma única chave; hoje são

questionadas em favor de uma multiplicidade de visões de mundo. Creagh lembra que o anarquismo também tem como procedência uma “grande narrativa” que explicava o mundo em função de uma liberdade avaliada por critérios fundados em uma *natureza* humana, e convida os libertários a “dizer, como Proudhon, ‘nego... em tudo e em parte o Absoluto” para sinalizar: “estamos aqui para fazer eclodir suas múltiplas possibilidades” (p. 24).

O breve prefácio orienta o leitor a encontrar pistas contemporâneas em um texto de quase 150 anos. Deixa-se claro, porém, que Élisée Reclus é um homem do seu século, para quem a história tem uma finalidade, para quem há uma evolução e o aperfeiçoamento da vida social, apesar de também acreditar que o progresso tecnológico e econômico podem gerar situações de regressão. Ao mesmo tempo, Creagh aponta em Reclus um aspecto intempestivo, que o aproxima do leitor do século XXI.

Ao descrever o que seria o sentimento da natureza em uma sociedade que consolidava a produção industrial, a urbanização e o estabelecimento das disciplinas sobre os corpos, — a *sociedade moderna* de meados do século XIX —, Reclus não deixou de lado a busca de leis universais, vinculando as paisagens naturais com a índole dos seus habitantes, o que possibilitaria uma avaliação do “progresso moral” dos povos. Nas frases finais de seu artigo, Reclus conjecturava que a visão de horizontes amplos a partir de altos cumes influenciava o caráter dos povos habitantes das montanhas. Nesse sentido, por exemplo, por atribuir o *amor à liberdade* aos habitantes dos Alpes — como ocorria nessa época em que a Suíça era refúgio de exilados políticos do mundo todo —, estaria levando em alta conta a relação desses povos com seu meio natural.

Todavia, a relação entre o meio natural e o caráter dos povos em Reclus não aparece como *causa ativa* que gera *efeito passivo*. A formação acadêmica de Élisée é a escola de Geografia do pioneiro Carl Ritter (1779-1859), seu professor em Berlim, em uma faculdade que ele não chegou a concluir devido à fuga, em 1851, por motivos políticos. O meio ambiente natural, em especial o clima, como determinante do caráter dos povos tornou-se um pressuposto de uma geografia posterior a Ritter, que influenciou inclusive teorias de degeneração de povos e justificativas para o avanço colonial dos Estados europeus. No entanto, para Ritter, assim como para Reclus, o ser humano não seria determinado pela natureza, mas um elemento desta natureza: a humanidade consistia em um dos fenômenos da Terra, ambos atuantes na constituição de espaços. Diferente de seu mestre acadêmico, a formação de Reclus na geografia se completou com muitas viagens para diversas partes do mundo e uma prática libertária intensa.

O sentimento da natureza decorre da relação dos sentidos humanos ativados pelo contato com os elementos naturais, aquém dos conceitos e do intelecto; é uma relação física, sensorial, entre o corpo de cada ser humano e os corpos dos elementos de seu meio. Cada região do globo propiciaria possibilidades únicas para esse contato, e a diversidade dos povos procederia da pluralidade de experiências sensoriais com o ambiente. O sentimento em relação à natureza não surgiria espontaneamente, poderia ser aprendido mediante uma educação dos sentidos e da atenção às sensações, além disso, escolhas poderiam ser feitas. Dentre as manifestações desse sentimento entre os povos, Reclus incluía obras dos poetas, como Goethe, e relatos de homens de ciência, como a do físico inglês John Tyndall.

Importante notar também que a natureza em Reclus não era a natureza intocada, pois ele encontrava beleza e equilíbrio em campos cultivados, em solos férteis resultantes de grandes aterros, como os dos Países Baixos. Para ele, a ação humana não necessariamente destruiria uma paisagem, esta poderia tornar-se mais bela e equilibrada com as necessidades dos seus habitantes. Caso contrário, a servidão humana se fortaleceria com a ausência de harmonia, e é nesse sentido que o progresso acarretaria regressão e não aperfeiçoamento da vida.

A “grande narrativa” se expande no texto de Reclus mediante detalhadas descrições das impressões sensoriais e do prazer estético das paisagens por indivíduos e povos de diversos períodos históricos. Interessa-lhe o prazer proporcionado pela relação com os elementos da natureza: os ventos, o ar frio das montanhas, os detalhes das pedras e vegetação do caminho, os sons dos pássaros, a força das águas, a visão de amplos horizontes. A relação com as montanhas tornava um povo mais afeito à liberdade, afirmava Reclus, pois o caminhante exercita a maestria de si, mostrando-se responsável por sua vida. O toque dos pés no solo, o esforço para atingir o topo de uma colina recuperavam o uso do corpo, desde que realizadas pelo prazer que proporcionavam. Andanças erráticas e prazerosas na natureza resistiam à disciplina que estava sendo imposta aos corpos nas *sociedades modernas*.

Hoje, século XXI, qual a experiência na natureza que leva a experimentar a liberdade? E qual *natureza*? Este e outros escritos de Reclus expressam uma reviravolta em sua época levada adiante por ele. Sua reflexão se mantém atual quando instiga o leitor anarquista a olhar para o presente com práticas surpreendentes desvencilhadas das “grandes narrativas”

para enfrentar o ecológico discurso da ordem. Mais do que isso, estabelece relações tensas com as proposições recentes procedentes de Murray Bookchin e John Zerzan.

filosofar onde o rio é mais quente

SALETE OLIVEIRA

Jorge Vasconcellos e Guilherme Castelo Branco. *Arte, vida e política: ensaios sobre Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro, Edições LCV, 2010, 136 pp.

Onde o rio é mais quente. Instantes, quando o Rio é mais quente. É raro tomar um livro nas mãos e sentir esta quietura. Mais raro, ainda, é lê-lo e descobrir ali este calor. Um livro escrito por dois filósofos que é capaz de afogar um leitor, por seu frescor. *Um livro-ensaios* de dois, Guilherme e Jorge, a partir de dois, Foucault e Deleuze.

Um livro que se inicia por uma apresentação dos autores na qual o que a finda dá o tom de sua própria filosofia. Guilherme e Jorge fazem questão de explicitar e agradecer a quem são seus amigos. Não para fazer o círculo tautológico que reitera o filósofo em sua definição semântica da grandeza exegética da palavra filosofia e, tampouco, acomodar-se no refúgio professoral da História da Filosofia. “Gostaríamos de deixar claro quem são os nossos amigos no pensamento e na vida” (p. 18). É um desses amigos que

Salette Oliveira é pesquisadora no Nu-Sol e professora no Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais da PUCSP.